

# AS FACETAS DE VICTÓRIO CANEPPA: NARRATIVAS SOBRE A TRAJETÓRIA DE UM DIRETOR PENITENCIÁRIO (1930-1955)

■ DAIANE DE OLIVEIRA TAVARES

<https://orcid.org/0000-0001-5776-0439>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

## RESUMO

Examinar e compreender a série de discursos que trazem a trajetória de Victório Canepa, diretor penitenciário entre as décadas de 1930 e 1950, é objetivo do presente trabalho. O gestor criou a revista *A Estrela – Órgão da Penitenciária Central do Distrito Federal* e a utilizou como lugar de memória. Em seu periódico, ele buscou criar sua identidade profissional e exaltou a sua trajetória enquanto grande referência na área. Nesse sentido, a referida revista se configura como uma fonte (auto)biográfica, na medida em que nela Canepa escreve sobre si mesmo e outros sujeitos escrevem sobre ele. Diante do exposto, suscito as seguintes questões: quem foi Victório Canepa? Que representações acerca do diretor perpassam o impresso mencionado? O que a imprensa, autoridades e especialistas falam a respeito do diretor? Quais foram suas contribuições para o sistema prisional? Para tanto, busco trazer à tona a série de discursos que envolvem a construção da memória de si do gestor e as contradições e ambiguidades que perpassam os trajetos e a vida desse sujeito. Interpretar as facetas de Canepa por meio da revista *A Estrela* e de outras fontes pesquisadas possibilitou-me, ainda, levantar hipóteses acerca do silenciamento de sua trajetória em âmbito acadêmico. **Palavras-chave:** Victório Canepa. *A Estrela*. Sistema Penitenciário. Narrativas (auto)biográficas.

## ABSTRACT

### THE FACETS OF VICTORIO CANEPPA: NARRATIVES ABOUT THE TRAJECTORY OF A PENITENTIARY DIRECTOR (1931-1955)

Examining and understanding the series of speeches that bring the trajectory of Victório Canepa, penitentiary director between the 1930s and 1950s, is the objective of this work. The manager created the magazine *A Estrela – Órgão da Penitenciária Central do Distrito Federal* (the star magazine part of the central Penitentiary of the

Federal District) and used it as a place of memory. In his journal, he sought to create his professional identity and praised his trajectory as a great reference in the area. In this sense, the aforementioned magazine is configured as an (auto)biographical source, insofar as Canepa writes about himself and other subjects write about him. Given the above, I raise the following questions: who was Victório Canepa? What representations about the director permeate the mentioned form? What do the press, authorities and experts say about the director? What were his contributions to the prison system? Therefore, I seek to bring to light the series of discourses that involve the construction of the manager's self-memory and the contradictions and ambiguities that permeate the paths and life of this subject. Interpreting Canepa's facets through the magazine *A Estrêla* magazine and other researched sources, also allowed me to raise hypotheses about the silencing of his trajectory in the academic field

**Keywords:** Victório Canepa. *A Estrêla* magazine. Penitentiary system. (auto)biographical narratives

## RESUMEN

### LAS FACETAS DE VICTORIO CANEPPA: NARRATIVAS SOBRE LA TRAYECTORIA DE UN DIRECTOR PENITENCIARIO (1930-1955)

Examinar y comprender la serie de discursos que traen la trayectoria de Victório Canepa, director penitenciario entre las décadas de 1930 y 1950, es el objetivo de este trabajo. El director creó la revista *A Estrêla* - Órgão da Penitenciária Central do Distrito Federal y la utilizó como lugar de memoria. En su impreso buscó crear su identidad profesional y elogió su trayectoria como un gran referente en el área. En ese sentido, la referida revista se configura como una fuente (auto)biográfica, en la medida en que Canepa escribe sobre sí mismo y otros sujetos escriben sobre él. Ante lo anterior, planteo las siguientes preguntas: ¿quién fue Victório Canepa? ¿Qué representaciones sobre el director impregnan la forma mencionada? ¿Qué dice la prensa, autoridades y expertos sobre el director? ¿Cuáles fueron sus aportes al sistema penitenciario? Por lo tanto, busco traer a la luz la serie de discursos que involucran la construcción de la automemoria del gestor y las contradicciones y ambigüedades que permean los caminos y la vida de este sujeto. Interpretar las facetas de Canepa a través de la revista *A Estrêla* y otras fuentes investigadas me permitió también plantear hipótesis sobre el silenciamiento de su trayectoria en el ámbito académico.

**Palabras clave:** Victório Canepa. *A Estrêla*. Sistema Penitenciario. Narrativas (auto)biográficas.

## Apresentação: traçando pistas, buscando histórias

Os historiadores (e, de outra maneira, também os poetas) têm como ofício alguma coisa que é parte da vida de todos: destrinchar o entrelaçamento de verdadeiro, falso e fictício que é a trama do nosso estar no mundo. (GINZBURG, 2007, p. 14)

Um grande gestor, especialista do sistema penitenciário, homem generoso ou carrasco dos presos? Uma vida de exaltação e facetas que caíram no esquecimento. Quem fora Victório Canepa? O capitão do exército que atuou por tantos anos como diretor de presídios e ao lado de sujeitos tão renomados no âmbito da criminologia é pouco conhecido e praticamente invisível em âmbito acadêmico. Interpretar a trajetória de Canepa fez-me buscar caminhos de pesquisa e documentos, a fim de que, como sugere Ginzburg (2007), fosse possível encontrar as diversas nuances da trama de sua trajetória enquanto gestor penitenciário.

Ele não tinha formação específica na área, sua graduação era em Ciências Contábeis, um homem da prática. Dirigiu presídios da Ilha Grande, a Casa de Correção e a Penitenciária Central do Distrito Federal, sendo um dos seus idealizadores. Também fez parte do Conselho Penitenciário do Distrito Federal e criou, em 1952, a Associação Brasileira de Prisões. No ano de 1944, Canepa criou o periódico *A Estrêla: Órgão da Penitenciária Central do Distrito Federal*<sup>1</sup> e fez do periódico a vitrine de ideias, feitos, dos eventos e reuniões dentre os quais participou. Nesse espaço, ele buscou construir

1 *A Estrêla* era comercializada a fim de arrecadar recursos para assistir às famílias dos internos, editada e impressa pelo jornal *O Globo*, enviada para assinantes pelos correios, ou vendida separadamente. Os gêneros textuais que preenchem as páginas da revista, como também seus escritores, são diversos: artigos científicos, notícias sobre o sistema, passatempos, notícias esportivas, discursos de autoridades, entre outros, escritos por juristas, penitenciaristas, presidiários, visitantes, jornalistas, e tantos outros sujeitos.

a sua memória e as características de sua gestão e atuação na formulação de políticas e discussões na área.

O jornal inicia seu processo de circulação em 1944, em formato de jornal, e tem sua produção interrompida entre os anos de 1946 e 1950, período em que Victório Canepa deixou o cargo de diretor, retomando em 1951,<sup>2</sup> quando o impresso volta a circular na categoria de revista

Para melhor compreender a trajetória de Canepa, foi preciso ir além do que revela *A Estrêla*, pois como criador e editor do impresso, este buscava superdimensionar algumas informações e esconder o que não desejava publicizar (MIGNOT, 2002). E como buscar outras representações sobre esse sujeito? Que caminhos percorrer?

Entendendo que Canepa utilizava sua revista como instrumento de divulgação de seus feitos no sentido de legitimar-se como grande gestor e especialista, foi preciso perceber a importância de “[...] ler os testemunhos históricos a contrapelo, como Walter Benjamin sugeria, contra as intenções de quem os produziu – embora, naturalmente, deva-se levar em conta essas intenções – significa supor que todo texto inclui elementos incontrolados” (GINZBURG, 2007, p. 11).

Assim, não posso afirmar a autenticidade ou falsidade dos textos encontrados no periódico aqui estudado, no entanto, foi preciso desconfiar de Canepa. Tal desconfiança levou-me a buscar na imprensa diária do Rio de Janeiro outras versões: o que os jornais do período diziam sobre ele e sua revista? Como era vista a Penitenciária Central do Distrito Federal? A imprensa reforça ou não o discurso trazido pelo periódico do capitão? Para responder

2 Utilizarei no presente trabalho as 22 revistas que circularam entre 1951 e 1955, pois *A Estrêla* nesse período cresceu e ganhou qualidade editorial. Além disso, é nesse momento que a presença de seu idealizador se torna central no impresso.

a tais perguntas recorri à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, na qual pesquisei seis jornais entre os anos 1930 a 1970.<sup>3</sup>

Encontrei cerca de 80 matérias nos seguintes impressos: *A Noite*; *Diário de Notícias*; *O Imparcial*; *Tribuna da Imprensa*; *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*. Interpretar as notícias que circularam sobre Canepa na imprensa em contraponto ao que era divulgado no seu periódico tem como objetivo refletir sobre as diversas representações que foram construídas acerca da imagem do diretor. Vale ressaltar o conceito de representação aqui utilizado para a compreensão das fontes pesquisadas:

[...] a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas graças às quais uns representantes (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. A problemática do mundo como representação, moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a ver e a pensar o real (CHARTIER, 2002, p. 23-24).

Examinar e melhor compreender a série de discursos que trazem a trajetória desse sujeito exige-me “[...] um olhar sensível, um manusear cuidadoso para que não se desmanche na tentativa de conferir linearidade” (MIGNOT, 2002, p. 62). Logo, torna-se necessário o entrecruzamento dos textos de *A Estrêla* e os

3 O período escolhido para a busca de matérias se deu pelo fato da necessidade de trazer à tona notícias de Canepa desde quando ele iniciou sua trajetória como diretor penitenciário e na tentativa de encontrar outras informações acerca da trajetória profissional de Canepa após sua saída da Penitenciária Central. No entanto, nada foi encontrado de significativo e que me apontasse os caminhos trilhados por Canepa após 1955.

demais pesquisados, não para trazer de forma cronológica a trajetória de Canepa, mas perceber quais aspectos foram ressaltados e que imagem o diretor quis construir de si mesmo e em que medida a imprensa local contribuiu ou desconstruiu a representação que este esforçou-se para legitimar por meio de sua revista. No entanto, não utilizarei todos os impressos mapeados, e tampouco todas as notícias. Interessa-me nesse momento perceber Canepa enquanto gestor penitenciário e editor.

Ao analisar, de maneira geral, as matérias sobre Victório que passaram a imprensa local, pude perceber que as representações trazidas não se diferem tanto das reveladas nas páginas de *A Estrêla*. Muitos dos textos noticiam ações e tratam positivamente suas propostas. No entanto, alguns dos escritos jornalísticos encontrados serão elementos fundamentais no sentido de melhor compreender as ambiguidades e contradições que permeiam a trajetória do editor. Diante de tal fato, elegi para a análise do presente trabalho, aqueles que são mais polêmicos e trazem subsídios no sentido de identificar as diversas faces de Canepa a partir de controvérsias silenciadas em sua revista.

Para além dos periódicos mencionados, outras fontes serão utilizadas: o livro de Visitantes da Penitenciária de Mulheres de Bangu e as Cartas de Canepa enviadas para Filinto Muller.<sup>4</sup> As interpretações dessas fontes buscam levantar as diversas facetas e atuações do editor de *A Estrêla* no sentido de “desnudar exaltações e impedir esquecimentos” (MIGNOT, 2002, p. 34).

### “Príncipe do penitenciarismo”: gestor e especialista

Canepa utilizou sua revista como lugar de memória. Em seu periódico, ele buscou criar sua identidade profissional, reforçando

4 Chefe de polícia durante o Estado Novo.

e exaltando a sua trajetória enquanto grande referência na área. Entendo *A Estrêla* como uma fonte (auto)biográfica, pois nela o capitão escreve sobre si, e outros sujeitos escrevem sobre ele. Regina Abreu (1996), ao examinar as estratégias de consagração dos homens públicos no país, chama atenção para o fato de que estes deixavam no papel o desempenho modelar que haviam tido em relação aos destinos da nação e da humanidade. Por suas ações exemplares, legariam às futuras gerações seus valores, suas ideias, seus ideais, visando inspirá-las. Deviam ser seguidos, imitados, consagrados. Essa foi também a estratégia do gestor que atuou por mais de 25 anos no sistema penitenciário.

No entanto, mesmo sendo reconhecido enquanto autoridade no assunto, por que esse sujeito caiu no esquecimento? A minha primeira hipótese para explicar tal questão diz respeito ao fato deste ter sido um militar e não um jurista; a segunda, tem a ver com a sua fama de carrasco na década de 1930; a terceira, diz respeito à sua produção bibliográfica, pois apesar de escrever muitos textos e publicá-los em sua revista, Canepa não possui uma produção significativa de livros e artigos científicos, sendo um homem da gestão e da prática, talvez não fosse considerado um intelectual. Assim, especulo que sejam essas as hipóteses para a sua invisibilidade. E será que, justamente por ter consciência de todas essas questões, ele envidava tantos esforços na divulgação de seus feitos? A reflexão de Artieres (1998, p. 31) é relevante no sentido de fazer pensar o movimento de Canepa ao arquivar sua trajetória profissional nas páginas de seu impresso:

O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação

que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo.

Torna-se possível conhecer alguns dos caminhos trilhados por Canepa quando se folheia as páginas de sua revista. Muitos dos textos publicados,<sup>5</sup> sobretudo escritos por companheiros de trabalho, contam a sua trajetória, enaltecem suas ações e falam de sua personalidade. Abaixo, trecho de major Paulo Saim, também diretor de presídio no período, aborda as “qualidades” de Canepa:

[...] somente êle, com a prática do serviço, o estudo do assunto, o animo forte para o trabalho, e especialmente a atuação da qual tenho sido testemunha, que devota a todos vocês que estão sob sua direção, poderia neste Estabelecimento, conseguir tanto em tão curto espaço de tempo. O Capitão Canepa, numa observação à primeira vista dá a impressão de vaidade e de importância, mas não passa de impressão (AE, ed. 10, p. 91).

A iniciativa de criar uma revista que, acima de tudo, estampava em suas páginas o seu trabalho e um então prestígio e reconhecimento, parece-me uma proposta adequada a um homem, sim, extremamente vaidoso. No entanto, seria mesmo apenas impressão? Regina Abreu (1996, p. 100) ajuda a pensar na importância que Canepa direcionava ao “culto do eu”, característica de homens públicos:

O longo processo que redundou na socialização do indivíduo relaciona-se com a invenção da memória individual. Para o culto do eu, a memória é vital. É preciso salvar do esquecimento, do esfumaçamento provocado pela morte, individualidades tão ricamente elaboradas. O sujeito busca então a eternização na memória dos outros sujeitos, guardando e arquivando testemunhos evocativos de suas obras e realizações.

Nesse contexto, as imagens do capitão publicadas no impresso parecem também corroborar para a imagem de homem público,

5 Trago os trechos da revista com ortografia original.

trabalhador, gestor de caráter exemplar em prol de seu país. Sempre sério e vestido formalmente, ele posava para as fotografias. Estas construídas “em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas que é, todavia, o elo material do tempo e espaço representado” (CARDOSO & MORAES, 2014, p. 129).

**Figura 1** – Canepa em sua mesa de trabalho



**Fonte:** *A Estrêla*, edição 23-24

Toda essa estratégia de publicização de sua imagem traz à tona as seguintes questões: o dever cívico de Canepa de fato o distancia de interesses privados? Reforçar seu prestígio e reconhecimento não era também uma forma de se manter no cargo a ele confiado pelo então presidente Getúlio Vargas?<sup>6</sup>

Como já mencionado, poucas foram as críticas encontradas nas matérias pesquisadas na imprensa local, no entanto, carta<sup>7</sup> escrita por Cardênio Jaime Dolce,<sup>8</sup> policial civil que atuou

como chefe de recuperação da Penitenciária Central do Distrito Federal em gestão anterior a de Canepa, acusa-o de beneficiar-se, sem explicitar como, do trabalho dos presos. Trata-se de uma resposta à acusação de Victório de que este não recuperava os internos durante sua atuação:

O Sr. Victorio Canepa engana muita gente, dando a impressão de que seu interesse pela penitenciária é só pelo lado humano, não existe o lado comercial. Prefiro ser um Polícia Especial que não recupera ninguém, a ser o príncipe do Penitenciarismo, que explora o suor e o trabalho dos reclusos em seu próprio benefício (Tribuna da Imprensa, sem data).

Mesmo sem conter acusações concretas no que diz respeito a como, de fato, Canepa explorava “o suor e o trabalho dos reclusos”, Cardênio Jayme sinaliza para a intenção do gestor em ser reconhecido como o “príncipe do penitenciarismo”. Parece-me sim que era o prestígio que ele buscava. Muitos o exaltavam, reconhecendo o valor de sua trajetória, contando parte de sua história. As homenagens a ele eram constantes e eventos organizados em seus aniversários de vida e gestão. Flamínio Fávero, sujeito renomado na área da Medicina Legal e Criminologia, era uma figura sempre presente na Penitenciária Central. Médico, esteve à frente da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo, ocupando diversos cargos e atuando de forma intensa na realização de pesquisas, congressos e publicações de trabalhos.<sup>9</sup> Em um dos aniversários de Canepa, Flamínio faz seu discurso ressaltando as qualidades do trabalho realizado e a formação do diretor:

Victorio Canepa, nosso eminente consócio, edificou o prestígio sólido de sua personali-

6 Torna-se possível perceber que havia um vínculo estreito entre o diretor e Getúlio, pois os textos da revista referem-se a ele como auxiliar antigo do presidente e este sempre muito atuante na gestão penitenciária enquanto Getúlio esteve no poder.

7 Encontrei dificuldades para compreender todo o texto da carta, tendo em vista o fato de alguns trechos estarem ilegíveis.

8 Policial Civil assassinado em 1971 por militantes da Aliança Libertadora Nacional.

9 Para melhor compreender a atuação de Flamínio Fávero, ver: ALVAREZ, Marcos César, SALLA, Fernando, ALVES, Kelly Ludkiewicz. Medicina legal, criminologia e punição: aspectos da trajetória intelectual e profissional de Flamíneo Fávero (1895-1982). Saúde, Ética e Justiça. 2012; 17 (2): 57-65.

de pelo estudo, pela observação, pelo trabalho pertinaz e idealista. Filho daquele valoroso estado que marca o limite de nossa pátria, lá mesmo fez seus estudos primários e secundários. Sua formação plasmou na Escola de Guerra de Realengo e na Escola de Intendentes. Nas fileiras do nosso glorioso Exército foi procurado para outras missões que ia desempenhar. Diretor durante 5 anos da Colônia Penal Cândido Mendes, passou depois, a exercer a diretoria da Penitenciária Central do Distrito Federal, onde se encontra há 8 anos (AE, ed, 5, s/p.).

Príncipe do penitenciarismo? Atuava mesmo para o bem da nação e daqueles pobres homens errantes, ou para elevar-se, legitimar-se enquanto grande profissional? Teria compromisso com a humanização da pena ou objetivava apenas promover sua carreira? Questões difíceis de serem respondidas. Uns desconfiavam, outros veneravam. Em aniversário de posse, um discurso caloroso foi pronunciado por um representante do Serviço Social da penitenciária:

Raros homens no Brasil, ao ocuparem um cargo de tão grandes responsabilidades, merecem tamanha consagração e solidariedade de seus subalternos como vem merecendo o Capitão Canepa. Homem de inteligência e cultura que é ao mesmo tempo uma reserva de bondade, vem se projetando nos meios penitenciários com uma força que o leva sempre para o êxito (AE, ed. 10, p. 89).

A representação de gestor generoso, homem bom e competente, convivia com a imagem do vaidoso e egocêntrico. Em artigo publicado no jornal a *Tribuna da Imprensa*, de 3 de janeiro de 1952, José Arthur Rios<sup>10</sup> acusava Canepa de ser

10 Nasceu no Rio de Janeiro a 24 de maio de 1921. Fez o curso secundário em Niterói e concluiu, na mesma cidade, o curso de Ciências Jurídicas na Faculdade de Direito, em 1943, aos 22 anos. Empenhado em especializar-se nos estudos sociológicos, cursou Ciências Sociais da antiga Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil – atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde estudou com renomados sociólogos franceses (Jacques Lambert, Maurice Byé e René Poirier). Interessado em seguir carreira universitária, matriculou-se na Universidade Esta-

personalista e de passar a impressão de que o presídio é um lugar maravilhoso:

‘A Estrêla: Órgão da Penitenciária Central do Distrito Federal’, essa futura publicação já vai no número 4 e provavelmente irá a mais. Tem como seu diretor, fundador e responsável, segundo os dizeres da capa, o Capitão Victorio Canepa. Deve também ser redator, a julgar pelos quatro artigos de sua autoria que a revista publica. Mas a atividade do Capitão Canepa não para aí. Porque ele é também – e principalmente, o grande tema da revista. Há diversos artigos, reportagens, notas, cartas à redação, etc., que tem como assunto a sua figura. Diversas fotografias o exibem e geralmente em companhia de militares.

[...] a penitenciária que sua revista apresenta é alguma coisa próxima ao paraíso, um céu aberto com futebol, eleições e centros de pesquisa científica. É bem possível que muita gente, lendo as páginas cor de rosa dessa revista, comece a pensar seriamente em tornar-se pensionista do Capitão Canepa (AE, ed. 9, p. 32).

Canepa publica a crítica, acusa o autor de não saber o que diz por ser leigo em assuntos penitenciários e o convida a visitar a penitenciária sem hora marcada para verificar o trabalho desenvolvido na unidade. Não há nenhum relato acerca da possível visita de José Arthur, porém, a entrada e saída de diversos sujeitos na penitenciária dava-se de maneira constante. Era preciso manter a instituição de “portas abertas” para a sociedade e mostrar

dual de Louisiana, Estados Unidos, onde obteve o título de Master of Arts. Em sua carreira universitária, pertenceu ao corpo docente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), tendo ali chefiado o Departamento de Sociologia e Ciência Política. Ensinou também em outras universidades brasileiras (UFRJ; Santa Úrsula, entre outras) e estrangeiras (Universidade Estadual da Flórida e Universidade da Califórnia, EE.UU.). Aposentado da universidade, tornou-se um dos mais destacados colaboradores do Conselho Técnico Nacional do Comércio e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em cujas publicações colabora regularmente. Teve atuação destacada na edição brasileira do Dicionário de Ciências Sociais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a cargo da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Disponível em: [http://www.cdpb.org.br/dic\\_bio\\_bibliografico\\_rios-josearthur.html](http://www.cdpb.org.br/dic_bio_bibliografico_rios-josearthur.html).

o trabalho desenvolvido. Nesse sentido, será foco a partir de agora o relato daqueles que conheceram a instituição e o tão comentado trabalho do diretor penitenciário e editor de *A Estrêla*. Para tanto, utilizo como fonte de pesquisa não só a revista e a imprensa local, como também o livro de impressões da Penitenciária de Mulheres de Bangu<sup>11</sup>, a fim de melhor compreender a quem era permitida a entrada na instituição e o uso feito por Canepa desses relatos. Quem eram os visitantes? O que diziam? Quais as representações permeavam esses escritos?

### “A prova é maior que o dito”: relato dos visitantes

Garantir o olhar da sociedade livre para as práticas realizadas entre os muros da penitenciária era uma estratégia de Canepa para dar visibilidade às suas ações. Matérias de *A Estrêla* e publicadas na imprensa local revelam a entrada de muitos sujeitos, sobretudo profissionais e estudantes da área, que buscavam conhecer a instituição “modelo” e seu gestor. Mas além de visitar, era necessário registrar as impressões e relatar o que foi visto sobre trabalho desenvolvido. Era comum no período haver um livro para que os visitantes pudessem expor suas opiniões acerca da unidade. Na Escola de Gestão Penitenciária do Estado do Rio de Janeiro, conserva-se o manuscrito do livro de impressões da Penitenciária de Mulheres de Bangu, aberto no ano de 1942, quando fora inaugurada. Na revista, fala-se dos usos desses livros, também encontrados nas unidades masculinas:

Todos os que nos visitam lançam no Livro de Impressões o seu pensamento sobre o que viram e sentiram nos momentos que aqui passaram. Pessoas ilustres, estudiosos da matéria,

11 A Penitenciária de Mulheres de Bangu era vinculada à Penitenciária Central do Distrito Federal. Estava sob à administração de Victório Canepa e uma congregação religiosa constituída por freiras e denominada Irmãs do Bom Pastor.

parlamentares, etc..., que nos têm honrado profundamente pelo interesse que demonstram pela Instituição e pelos habitantes da grande Casa, externam nas impressões que ficam no livro, o que diante de nós dizem à viva voz (AE, ed. 3, p. 64).

Abrir as portas da unidade para a sociedade livre permitia à Canepa “provar” a veracidade do que ele mesmo divulgava acerca de sua atuação à frente da penitenciária. Assim, ele publicava na sua revista os relatos dos visitantes e posava ao lado dos mais ilustres. Texto assinado por Julio Moura, que se coloca como amigo de longa data do capitão, inspira o título desse subitem “A prova é maior que o dito”, que destaca:

Foi, por conseguinte, com o ânimo de ver para crêr que percorremos, atentos, todas as dependências da Penitenciária [...]. Vimos que procura habilítá-los para a volta à sociedade; para o êxito do nobre tentame usa todos os meios adequados (AE, ed. 6, s/p).

O livro de impressões do Presídio de Mulheres permite mapear aqueles que conheceram a unidade feminina durante a gestão de Canepa. Na década de 1950, com o registro de 23 visitas, juizes, promotores, professores da área de Criminologia, estudante do curso de Direito, profissionais de outras unidades prisionais e militares representam boa parte dos que conheceram e deixaram suas impressões acerca do que viram. Perceber os campos de atuação dos que passaram pelos muros e grades da Penitenciária Central aponta para o fato de Canepa buscar projeção entre os que também atuavam na área. “Reconhecimento, marcado e garantido socialmente por todo um conjunto de sinais específicos de consagração que os pares/concorrentes concebem a cada um de seus membros é função do valor distintivo de seus produtos” (BOURDIEU, 1983, p. 127). Um indício nessa direção foi a grande repercussão na revista acerca da visita realizada

pelo professor Negley Teertes, da Universidade da Califórnia.

Matéria publicada na edição de número 5 fala da visita de Teertes e sua equipe como um imprevisto e ressalta que a Penitenciária de Mulheres estava sempre preparada, em sua vida normal, para qualquer momento. Destaca que a unidade feminina em questão era alvo das atenções de especialistas do Brasil e do mundo. No entanto, difícil é crer que foi mesmo uma visita inesperada de um professor americano e que já conhecera e publicara sobre a Penitenciária Central e seu diretor. Inclusive fala-se de grande festa organizada com apresentações artísticas e “mesa farta de doces e salgadinhos” (AE, ed. 5, p. 65).

Teertes escreveu sobre Canepa em seu livro intitulado *Penalogy from Panama to Cape Horn*, e alguns trechos são traduzidos e publicados em *A Estrêla*. Em matéria intitulada “O que dizem lá fora”, mostra a penitenciária “pelas palavras de estranhos, mas militantes na mesma seára, o que é mais convincente”:

[...] Para essa nova investidura, foi designado, em 1937, o Capitão Victório Canepa, figura já bastante conhecida, e vista no Brasil como um dos mais eminentes administradores penais: Ele foi diretor da famosa Colônia Correccional de Dois Rios, na Ilha Grande. Esta colônia da ilha – agora uma colônia agrícola conexas à Casa de Correção ou Penitenciária – foi, por muito tempo, conhecida como Ilha do Diabo, do Brasil. [...] O Capitão Canepa introduziu-lhe grandes reformas na administração (AE, ed. 2, p. 3).

Certamente o número de visitas era ainda mais intenso na unidade masculina dirigida por Canepa e muitos são os relatos encontrados na sua revista. Os elogios são inúmeros e descrevem uma unidade organizada e limpa, mérito de seu diretor: “higiene, disciplina, boa alimentação, religião e humanidade foi o que observei nesta visita. Meus louvores à administração desta Penitenciária” (LV, visita realizada em 05/02/1953).

A série de discursos dos visitantes da Penitenciária Central do Distrito Federal traz à tona a representação de um universo prisional onde o privado de liberdade se mostra feliz com a possibilidade de estar em um espaço que lhe possibilita a reintegração social digna. É possível perceber, como nos aponta Carlos Henrique Aguiar Serra (2011, p. 3), que, nesse contexto, “a punição é, portanto, internalizada enquanto prática pedagógica que se inscreve e é reproduzida incessantemente”. Mas quais são as pistas acerca da prática pedagógica de Canepa? O que é relatado na revista, no livro de visitantes e na imprensa diária?

Canepa buscava construir uma representação na qual mostrava-se amigo, generoso, dedicando-se por inteiro a construir um cotidiano na prisão no sentido de torná-la um espaço educativo. No livro de visitantes da Penitenciária de Mulheres, é possível perceber algumas pistas sobre a intitulada por Canepa de “ciência pedagógica- penitenciária” e do quanto os visitantes relatavam-se encantados pelo trabalho desenvolvido pelo gestor:

A visita que acabamos de fazer à Penitenciária de mulheres renovou, em nós, o sentimento de profunda admiração pela grande obra de preservação social e de humanidade que aqui realiza Victório Canepa tão valiosamente coadjuvado por um grupo de santas irmãs do Bom Pastor. Vemos aqui como é possível suavizar os rigores da lei, com o pensamento de unir eficiência e bondade. No interior desta casa, temos a impressão de estar antes numa escola do que num presídio. Acreditamos que este exemplo pode ter uma grande influência na solução do problema penitenciário (LV, visita realizada em 27 de novembro de 1943, s/p).

*A Estrêla* permite entender o pensamento pedagógico disseminado na Penitenciária Central a partir da análise do discurso veiculado e da ressonância dos temas debatidos (CATANI & BASTOS, 2002). O discurso retrata a ideia de um homem “amigo e generoso” que se esforça ao

máximo para criar um ambiente educativo e humano para os habitantes da “Casa da Saudade”:

Com a bondade congênita de um coração terno e compassivo está a frente da Penitenciária, como seu grande diretor, um homem cujos atos não primam pelos ódios que consomem, senão pela compreensão e humanismo que pautam a conduta adamantina que lhe balisa a existência peregrina de virtudes sublimadas - Victório Canepa. Felizes de certo modo os habitantes daquela cidade ignota, tendo por diretor o Capitão amigo que lhes proporciona no limite das suas possibilidades administrativas, bem todo que lhe pode propinar. Não sei o que dizer, mas, dentro das limitações e contrafeito eu me senti feliz por ver e sentir que há no coração do amigo de sempre, a mesma generosidade para com todos, a mesma solicitude cordial e até afeto de que tanto precisa a Casa da Saudade (AE, ed. 18, p. 32).

Canepa abordava um avançado ideal de ciência e humanidade, exemplificando em seus discursos como tal teoria efetiva-se na prática. Em entrevista ao periódico *A Noite*, ele fala do cotidiano dos presos em um regime que, segundo ele, tem função educativa e não punitiva. Matéria intitulada “Bondade e Justiça nas prisões” revela:

O seu diretor, Victorio Canepa, cujo nome já tem projeção internacional como administrador penitenciário, disse-nos algumas palavras a respeito: sem contar com a reforma geral de todo o velho sistema penal deste estabelecimento, foram postas em práticas medidas de caráter disciplinar, higiênicas, dietéticas, tais como: a aplicação da penalidade disciplinar de forma racional com o fim educativo e não punitivo: a substituição do vexatório uniforme então usado pelos sentenciados; a permuta do número de matrícula pelo distintivo de classificação do comportamento dos correccionais; a obrigação imposta a todos os encarcerados de conservarem as suas vestes, suas roupas de cama e suas células com o máximo asseio e na mais perfeita ordem; a concessão do corte de cabelo baixo, mas nunca raspado e a tolerância do uso do bigode para os de bom comportamento; a

abolição do silêncio absoluto; a permissão concedida aos presidiários para fumar em quase todas as dependências desta Penitenciária; a distribuição dos alimentos obedecendo os rigores das técnicas das vitaminas, das albuminas, do cálcio, do ferro, das gorduras, etc., cujos os resultados são os mais satisfatórios possíveis (A NOITE, 12 de novembro de 1943).

No entanto, Lila Caimari (2004) traz uma reflexão importante quando destaca que a crítica feita nesse período ao sistema prisional não significou um questionamento das premissas penitenciárias e uma discussão acerca do direito do estado de privar sujeitos da liberdade submetendo-os a um regime coercitivo e de disciplina. A reforma dirigia-se a condições nas quais a reabilitação se daria. Outro ponto fundamental nessa discussão é o fato que a reforma implementada foi concebida para os presos comuns e não para presos políticos. Essa questão remete ao início da carreira de Canepa quando polêmicas giravam em torno de sua atuação. Como era sua relação com os presos políticos em presídios em que atuou antes de ser nomeado para Penitenciária Central?

## Torquemada?

Victório Canepa nasceu em 1899 e aos 33 anos já atuava na Ilha de Lazareto, um dos presídios da Ilha Grande. Em 1934, atuou ao lado do médico Herminio Ouropretano Sardinha<sup>12</sup> na Casa Correccional Dois Rios e, em 24 de novembro de 1937, foi nomeado diretor da Casa de Correção. A atuação profissional desse sujeito se deu em momentos políticos sempre cercados por con-

12 Nasceu em Ouro Preto e completou seus estudos no Rio de Janeiro, cursando Medicina na Universidade do Brasil. Após dois anos de formado, foi chamado para trabalhar na Casa Correccional de Dois Rios (CCDR) e foi diretor interino de Canepa na CCDR. Em 1942, o médico Sardinha, como era conhecido, foi nomeado diretor da Colônia Penal Cândido Mendes. O médico escreveu suas memórias do tempo em que atuou nas prisões de Ilha Grande e publicou o livro intitulado *Memórias de um médico: Ilha Grande*.

tradições e ambiguidades, marcas dos governos de Getúlio Vargas, como aponta Ângela de Castro Gomes (2013, p. 29):

Sua presença e força políticas perpassam as décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960, instalando-se como referência ideológica e organizacional inquestionável, inclusive após o seu suicídio, em 24 de agosto de 1954. Vargas, em sua longa e atribulada trajetória política, foi sendo moldado como portador tanto de surpreendentes qualidades de estadista – coragem, sabedoria, determinação –, quanto de características de ‘homem comum’ – simpatia, malandrice, simplicidade –, facetas que o aproximavam, ao mesmo tempo, dos grandes líderes do país e de seu ‘povo’, como afirmava em muitos discursos. Ficou conhecido como o ‘pai dos pobres’, o protetor dos trabalhadores, mas também como o presidente em cujo o governo muitos brasileiros (e também estrangeiros) foram presos, torturados e mortos. Foi, por isso, uma figura complexa e ambígua, que promoveu os direitos sociais, especialmente os trabalhistas, mas eliminou os direitos políticos, fechando o Congresso e instalando a censura, quando do Estado Novo. Um perfil multifacetado, que ganhou contornos de mito político, como a revolta e tristeza de multidões de brasileiros.

O governo autoritário de Vargas, conhecido como Estado Novo, foi marcado pela censura, tortura e perda dos direitos políticos e, ao mesmo tempo, iniciou no país um processo de humanização da pena e do sistema penitenciário. Talvez esse projeto esteja inserido numa arquitetura corporativista construída nas décadas de 1930 e 1940, que é exemplo emblemático das transformações instauradas na política brasileira em sua busca pela modernidade a partir de referenciais internacionais que circulavam à época (GOMES, 2013). O período em questão revelou um conjunto de medidas que buscavam redefinir o funcionamento do aparelho do Estado brasileiro e as relações do poder público com a sociedade civil.

A reforma penal do início dos anos de 1940 se realiza então a partir dos novos textos do

Código Penal, do Código do Processo Penal e da Lei das Contravenções Penais. No entanto, apesar de toda uma discussão e iniciativas em prol da reforma do sistema prisional brasileiro, o fato é que as décadas de 1930 e 1940 foram marcadas por violência e tortura que levaram ao aumento exorbitante do número de presos comuns e políticos. Foi então nesse cenário controverso que se deu o início da trajetória de Canepa enquanto gestor de presídios. E o que se conhece sobre ele nesse período?

Ao contrário dos elogios tecidos durante sua atuação na Penitenciária Central do Distrito Federal, o Canepa da Ilha Grande e da Casa de Correção não tinha uma fama muito positiva, conforme os relatos que falam de sua arbitrariedade. Segundo Orígenes Lessa,<sup>13</sup> que preso após as revoltas de 1932, publicou, em 1933, *Ilha Grande: jornal de um prisioneiro de guerra*, Canepa era violento com os presos. Havia superpopulação, falta de vestuário, má qualidade das refeições e péssimas condições de higiene no antigo Lazareto da Ilha Grande.<sup>14</sup> *A Estrêla* também traz pistas sobre essa representação negativa que girava em torno do nome do Capitão. Em discurso de homenagem ao Diretor, Justino Carneiro explicita claramente como Canepa era conhecido e que ele próprio tinha seus receios:

13 Colaborou e trabalhou em diversos veículos de comunicação, tendo feito sua estréia nos jornaizinhos escolares, com 12 ou 13 anos. Tentou, sem continuidade, diversos cursos superiores. Ingressou como tradutor no departamento de propaganda da General Motors, que teria grande influência na sua vida profissional: tornar-se-ia um dos publicitários de maior renome do país. Tomou parte ativa na Revolução Constitucionalista em 1932. Em 42, fixou-se em Nova York trabalhando no Coordinator of Inter-American Affairs, tendo sido redator da NBC em programas irradiados para o Brasil. Regressou ao Rio de Janeiro em meados de 43. Escritor, com uma obra bastante extensa. Cf. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/historia-oral/entrevista-tematica/origenes-lessa>

14 A dissertação de Giovanna de Abreu Antonaci, intitulada *Os presos comunistas nos cárceres da Ilha Grande*, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense no de 2014, apresenta as memórias dos presos políticos da Ilha Grande.

Eu tive ocasião de conhecer Victório Canepa, lá pelos idos de 38 quando, – talvez por um erro de escôlha – tornei-me Conselheiro e vim participar dos trabalhos do Conselho Penitenciário do Distrito Federal. Atravessamos, então, período mais ou menos confuso, de exagerados boatos e eu confesso a minha prevenção contra os ‘carcereiros’ de quem se diziam coisas mirabolantes. Talvez ainda hoje, muita gente que nunca se preocupou a desvendar o mistério, acredite naquelas fábulas que transformaram Canepa num autêntico Torquemada. Foi, assim, na previsão de ter de defrontar-me com um individuo de má catadura, hirsuto e hostil, que compareci pela primeira vez a uma sessão do Conselho Penitenciário [...]. Excusado é dizer que me caiu a alma aos pés, pois não podia conceber que olhar tão franco e modos tão distintos pudessem ocultar a maldade de um suplciador de cristãos. E, com efeito, não ocultavam, como me certifiquei depois (AE, ed. 10, p. 38).

Torna-se evidente que o Conselheiro tem em sua fala o objetivo de desconstruir a imagem negativa associada a Canepa na década de 1930. Pela comparação feita com Tomás de Torquemada, primeiro inquisidor-geral de Castela e Aragão, na Espanha, que, sob seu mandato, o Santo Ofício queimou mais de dez mil pessoas, parece-me que de fato o capitão era visto como um torturador de cristãos, um carcereiro malvado.

No entanto, o nome de Canepa também estava vinculado a melhorias na Casa Correccional dos Rios que antes de sua gestão encontrava-se em situação dramática, sendo ele responsável por mudanças significativas (SANTOS, 2009). Em relatório<sup>15</sup> enviado a Filinto Muller, então chefe de polícia, relata as péssimas condições encontradas por ele e que se assemelham ao relato de Orígenes Lessa. Canepa fala da promiscuidade em que viviam os presos, das condições insalubres e relata que o alojamento de mulheres se encontrava em situação ainda mais complicada. Para ele, a

15 CCDR. Folhetos de Dados Estatísticos. Arquivo Nacional. Biblioteca. Código: 3789:1181 in Santos (2009).

colônia servia à “regeneração de transviados”, dando aos encarcerados “um tratamento de madrastra, que, sem dúvida, longe de os atemorizar, aumenta-lhes o rancor pelos são de espírito”. A imprensa também conta que ele foi responsável por modificar as condições terríveis da Colônia, como aponta matéria do *Diário de Notícias*:

O tenente Victorio Canepa, seu atual director, conseguiu em dois annos de administração, realizar ali algumas reformas, transformando as toscas edificações ali existentes em prédios mais ou menos arejados e relativamente confortáveis. O enorme casarão que servia de residência da família do diretor, foi posto abaixo e no seu lugar foi levantado um edificio de cimento armado, de dois pavimentos, dotado de requisitos de hygiene e de conforto (*Diário de Notícias*, 25 de agosto de 1934).

Segundo Myrian Sepúlveda dos Santos (2009), a gestão de Canepa na Colônia foi repleta de obras e este recebeu verbas para reformas e apoio com a transferência de presos. Segundo a autora, diversas foram as cartas de Canepa enviadas a Fillinto Muller solicitando a transferência de internos para o trabalho nas obras. Contudo, a expectativa de melhora das condições carcerárias, que surgiu com a entrada de Canepa, durou pouco. Com a turbulência política dos anos de 1935 e 1936, muitos presos foram enviados para os presídios da Ilha Grande e Casa de Correção, sendo Canepa acusado das maiores barbaridades.

Graciliano Ramos,<sup>16</sup> relatou as experiências vividas durante o encarceramento e, o volume 3, de *Memórias do Cárcere*, numa “escrita urdida para resistir aos sofrimentos, à insegurança

16 Preso após o levante comunista de novembro de 1935, permaneceu no cárcere de 3 de março de 1936 a 13 de janeiro de 1937. Durante o tempo em que esteve preso, escreveu sobre as experiências vividas, escrita esta que originou o livro *Póstumo Memórias do Cárcere*, publicado em quatro volumes pela editora Olympio, em 1953. Ver: REDENTI, Marcelo. Graciliano Ramos e suas memórias: cicratizes, Sociologia e Antropologia, v. 4, pp. 475-493, Rio de Janeiro, outubro de 2014.

e à impotência” (MIGNOT, 2002, p. 118), retrata o tempo em que esteve preso na Colônia Correcional durante a gestão de Canepa.

Em nenhum momento do livro o autor menciona o diretor, mas relata as condições insalubres e cruéis a que foi submetido. De sua chegada à Casa Correcional de Dois Rios (CCDR), destaca seu encontro com um sujeito, funcionário da instituição, “um tipinho de farda branca, de gorro branco, a passear em frente às linhas estateladas” (RAMOS, 1953, p. 80), que fez um “discurso, incisivo e rápido” (RAMOS, 1953, p. 80), dirigindo-se aos recém-chegados:

Aqui não há direito. Escutem. Nenhum direito. Quem foi grande esqueça-se disto. Aqui não há grandes. Tudo igual. Os que têm protectores ficam lá fora. Atenção. Vocês não vêm corrigir-se, estão ouvindo? Não vêm corrigir-se: vêm morrer (RAMOS, 1953, p. 80).

Essa fala ecoou nos pensamentos de Graciliano em diversos momentos e a cada vez que ele sentia a morte aproximar-se por conta da saúde debilitada e das péssimas condições de vida o “sujeito miúdo, estrábico e manco” (RAMOS, 1953, p. 8), com sua farda branca, gritava aos seus ouvidos. Uma prisão que tinha o objetivo de aniquilar aqueles que estavam sob sua custódia e era dirigido pelo mesmo gestor “amigo e generoso” que anos depois esteve à frente da Penitenciária Central do Distrito Federal. Portanto, relatos que revelam uma outra versão de Victório Canepa expressam as ambiguidades e contradições que perpassam a trajetória do editor de *A Estrêla*. Percebe-se um cenário em que a tortura e violência policial do período instauravam-se também dentro dos presídios.

Filinto Muller foi o chefe de polícia responsável pela repressão maciça aos inimigos políticos. Tratava-se de uma polícia que agia em consonância com as diretrizes traçadas pelo regime e dele recebendo as condições mate-

riais e políticas para manter a ordem social, o que estava diretamente associado ao combate ao comunismo e, posteriormente, contra os estrangeiros (HEYMANN, 1997). Muller era um homem poderoso e da confiança de Getúlio Vargas, estando submetidas formalmente a ele as seguintes instituições:

[...] três delegacias auxiliares, trinta delegacias distritais, a Delegacia de Estrangeiros, a Delegacia Especial de Segurança Política e Social, a Diretoria Geral de Investigações, a Inspetoria Geral de Polícia e a Corregedoria, além da Diretoria Geral de Comunicação e Estatística e da Diretoria Geral de Expediente e Contabilidade (HEYMANN, 1997, p. 57).

Mas o poder de Filinto não encerrava nas instituições acima e alcançava os órgãos formalmente submetidos ao Ministro da Justiça, inclusive as penitenciárias e presídios do Distrito Federal. Assim, Canepa subordinou-se a Muller e, a fim de buscar indícios acerca da relação de ambos, busquei correspondências<sup>17</sup> no Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), em especial as cartas<sup>18</sup> de Victório Canepa enviadas a Filinto Muller, que pudessem me apontar indícios acerca da relação existente entre eles. A motivação para buscar essas cartas se fez por perceber que Filinto Muller, embora tenha atuado como senador pelo estado de Mato Grosso por muitos anos, ter sido destaque como líder de partidos, é lembrado apenas enquanto o temível chefe de polícia. Após sua morte, a representação

17 A dissertação de mestrado de Luciana Quillet Heymann, intitulada *As obrigações do poder: correspondência de Filinto Muller*, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFRJ, no ano de 1997, analisa as correspondências de Filinto, a partir dos arquivos do CPDOC, nos anos de 1933, 1938 e 1942. Não consta na referida pesquisa trocas epistolares entre o chefe de polícia e Canepa.

18 Busquei no CPDOC outras correspondências de Canepa direcionadas a Filinto Muller para além das já estudadas por Myrian Sepúlveda dos Santos em *Os porões da república: a barbárie nas prisões da Ilha Grande: 1894-1945*. Minha pesquisa se deu no fundo Filinto Muller. 33.01.01.

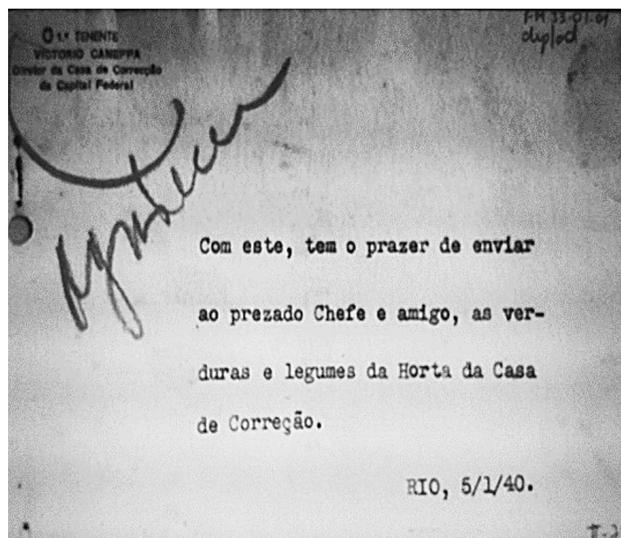
que perpassa a sociedade é que este foi um carrasco da ditadura estadonovista, tendo pouco espaço a sua atuação enquanto político (HEYMANN, 1997). Nesse sentido, teria sido a relação de Canepa com o Estado Novo, as denúncias de tortura contra presos políticos e, até mesmo a sua relação com Filinto um dos motivos que levaram ao seu esquecimento? Suponho que todas essas questões corroboraram para o silenciamento na história acerca da trajetória do diretor. Na busca por pistas nessa direção, trarei a partir de agora as cartas de Canepa direcionadas ao chefe de polícia e as respostas deste, sendo a maioria do período em que Victório esteve à frente da Casa de Correção.

As 18 cartas<sup>19</sup> encontradas entre os anos de 1937 e 1941, quase em sua totalidade referem-se ao envio, de Canepa para Filinto, de verduras e legumes cultivados pelos internos da casa de Correção e as respostas do chefe de polícia em agradecimento. Apesar de num primeiro momento essas cartas não aparentarem relevância, penso que “os documentos podem falar, se soubermos lhes dirigir as perguntas, cabe, então ao historiador interrogá-los” (ROCHA, 2012). Nesse sentido, a análise das cartas me fez refletir sobre a necessidade de Canepa em agradar e fazer-se presente ao “chefe e amigo”.

A escrita de uma carta, para além do conteúdo, apresenta outros elementos que merecem destaque, sendo também importante a “[...] análise das formas de tratamento, nomenclatura e interpelação utilizadas. Cabeçalhos; formas de despedida; flexões de nomenclatura ‘durante’ a carta; regras de polidez empregadas (se e como); timbres; papel escolhido, etc.” (NEVES, 1988, p.194). Nesse sentido, o primeiro passo da análise diz respeito à forma de tratamento das cartas. Como Ca-

neppa se dirige a Filinto? O que esse enunciado revela?

**Figura 2** – Carta de Canepa para Filinto Muller



Fonte: CPDOC.

Como é possível verificar na Figura 2, Canepa dirigia-se a Filinto como “chefe e amigo” e em outras cartas apenas como “amigo”. E o que representava ser amigo de Filinto? Segundo Heymann (1997), o chefe de polícia era homem de total confiança de Getúlio, participava de reuniões ministeriais e despachava frequentemente com o presidente no Palácio do Catete. Havia um “[...] superdimensionamento dos poderes como chefe de polícia, alimentando constantemente a força do seu nome próprio o que acabou lhe imputando um poder pessoal extraordinário, medido nestes casos pela enorme capacidade de responder pedidos” (HEYMANN, 1997, p. 151). No entanto, Canepa, ao menos no grupo de cartas aqui interpretadas, não escrevia para pedir, mas oferecer presentes ao chefe de polícia. Seria uma forma de agradar, tentar criar proximidade com Filinto? E como Filinto dirigia-se a Canepa nas suas missivas de resposta?

Em papel timbrado da Polícia Civil do Distrito Federal, Muller referia-se ao diretor de maneira muito mais formal e, analisando a forma de tratamento dispensado entre os

<sup>19</sup> As referidas missivas encontram-se no acervo do CPDOC, vinculado à FGV.

escreventes, é possível pensar no grau de intimidade que se dá “na razão direta da cerimônia entre as duas partes” (ALBUQUERQUE, 1960, p. 71).

Nesse sentido, as características das cartas enviada por Filinto têm a ver com sua representação enquanto alguém que estava hierarquicamente acima de Canepa, pois “a escrita de cartas está diretamente ligada à relação que essa prática produz entre escrevente e destinatário, a personalização dos modelos de carta disponíveis, o tipo de carta que se escreve e as características socioculturais de determinado tempo histórico e geográfico” (ROCHA, 2012). Por outro lado, interessava muito mais a Canepa estabelecer uma relação de amizade com seu chefe na medida em que “[...] dizer-se amigo de Filinto Muller implica em ser por ele beneficiado em uma situação de necessidade” (Heymann, 1997, p.120). Matéria publicada no jornal *O Imparcial* pode ser um indício de que Canepa fora beneficiado por Filinto em alguns momentos de sua carreira:

O Ministro da Guerra, tomando em consideração um elogio feito ao tenente comissionado Victorio Canepa, pelo chefe de polícia do Distrito Federal em consequência da ótima administração ao referido oficial na Colônia Correccional de Dois Rios, mandou transcrever o aludido louvor nos assentamentos do dito tenente (*O Imparcial*, 9 de dezembro de 1937).

Para além das relações estabelecidas entre Canepa e Filinto Muller, duas outras cartas chamaram-me atenção para a relação de Canepa, sobretudo enquanto diretor da Casa de Correção, com alguns presos políticos conhecidos e com Sobral Pinto, advogado de Luis Carlos Prestes. Cartas essas que tratam da entrega de um livro para Prestes, preso em 1936 e, encaminhado, em 1937, para a Casa de Correção, que tinha como diretor Carlos Lassance. Este possuía uma boa relação com Prestes e foi afastado e preso, acusado de garantir rega-

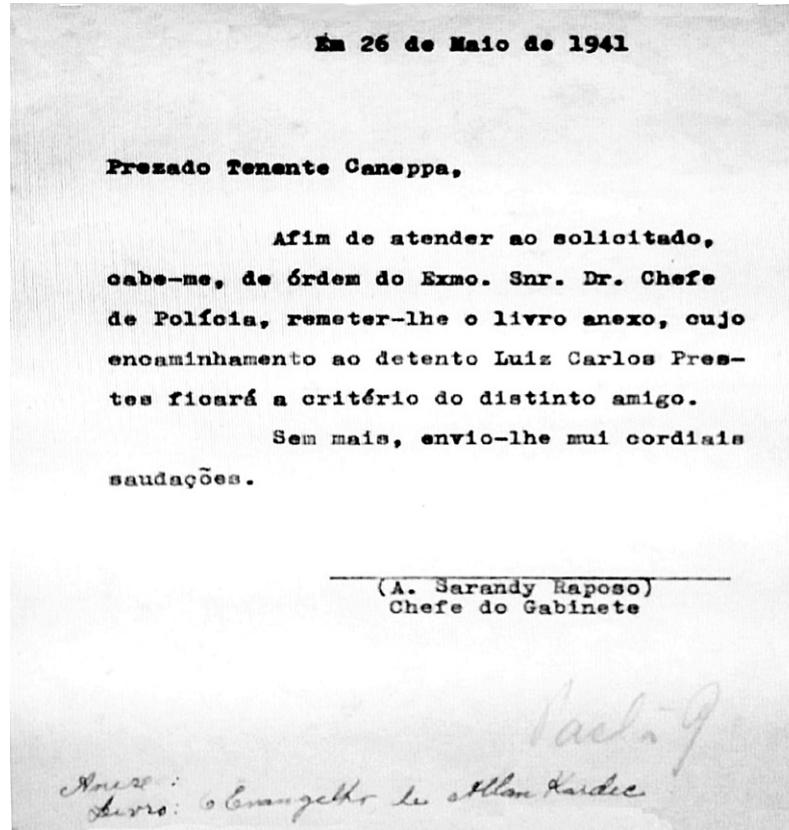
lias ao comunista. Canepa então foi estrategicamente nomeado para vigiar Prestes que o acusou de tê-lo perseguido até o último dia na penitenciária, ou seja, até ser nomeado diretor da Penitenciária Central em 1941.

Dênis de Moraes e Francisco Viana (1982), em *Prestes: lutas e autocríticas*, trazem a trajetória política de Prestes a partir de seus depoimentos e do noticiário da imprensa e é possível encontrar os relatos do ex-presos político enquanto esteve sob a guarda de Canepa. Prestes conta que “veio Canepa e a situação agravou-se”, seu isolamento era muito grande e foi feita, especialmente para ele, uma cela que era um verdadeiro túmulo. Harry Berger,<sup>20</sup> alemão comunista e amigo de Prestes, também preso na Casa de Correção e já enlouquecido, gritava a noite inteira, e Prestes, de um lado escutava o amigo louco e, do outro, enxergava apenas muros e guardas. Segundo ele, a situação só melhorou depois de um tempo:

A minha sorte era que, depois de um tempo, Canepa relaxou um pouco a perseguição. Permitiu que eu recebesse livros que minha mãe mandava de Paris, Mas era só ele descobrir qualquer coisa errada que imediatamente me punia. A punição era me deixar três meses no cubículo sem livros, nem lápis, nem papel. As punições ocorriam por que, de quando em vez, era descoberto algum guarda que colaborava comigo (MORAES & VIANA, 1982, p. 91).

A carta de Sarandy Raposo, chefe de Gabinete de Filinto Muller, aponta para o fato de que era mesmo Canepa que decidia se os livros seriam ou não entregues a Prestes:

<sup>20</sup> Preso, assim como Prestes, após o levante de 1935, foi levado para Polícia Especial e viveu em situação ainda pior que seu amigo. Segundo Moraes e Viana (2008), Berguer foi colocado num socavão na parte de baixo da escadaria Polícia Especial e, por ser alto, passava o dia encurvado. Dormia numa esteira, não tomava banho e era espancado todos os dias. A polícia de Filinto Muller, o aterrorizava de todas as formas. Sobral Pinto, seu advogado e de Prestes, chegou a recorrer à lei de proteção aos animais na tentativa de que Berger tivesse ao menos o direito a uma cama e banho. Após tanta tortura, Berger enlouqueceu e morreu em clínica psiquiátrica.

**Figura 3** – Carta do Chefe de Gabinete da Polícia a Canepa

Fonte: CPDOC.

Documentário que conta a trajetória de Sobral Pinto, intitulado *Sobral: o homem que não tinha preço*, traz a fala<sup>21</sup> do advogado ao relatar um desentendimento com Canepa que ocasionou sua prisão em uma quinta-feira, em que tentou visitar Prestes para entregar um livro:

O Canepa queria me impedir que eu me encontrasse com Prestes. Ele foi posto na Casa de Correção com esse objetivo: impedir as minhas visitas a Prestes. Às quintas-feiras era o dia em que eu visitava o Prestes, então na quinta-feira seguinte eu levei um livro e então como ele não me recebeu, eu fiquei na sala de espera dele, sala de leitura, e fiquei até umas 5 horas da tarde. Acontece que ele resolveu fazer um conserto no gabinete dele e então transferiu o gabinete dele para a sala de espera. Quando eu entrei dei com ele: - quem autorizou o senhor a entrar? - Não, aqui é a sala de espera. Eu entrei por que supunha que era a sala de espera. Ele era um homem alto, forte, ele é tenente de cavalaria, um homem atlético. Ele levantou a

mão e ia me dar um soco. Eu abaixei, quando eu abaixei ele rodou, aí eu pulei nas costas dele, eu pulei no pescoço dele. Então ele me prendeu e resolveram então lavar um flagrante de desacato de desobediência e de lesões corporais.

Tal fato ocorreu em 12 de junho de 1938 e Sobral foi preso pela prática dos crimes de desacato e ferimentos leves. Extremamente católico, Sobral escreve uma carta ao cardeal Dom Sebastião Leme em 9 de junho de 1938, justificando o ocorrido e negando as acusações a ele feitas:

Não posso assim, ser homem de desordem, mas de ordem; de revolução; mas de autoridade; de indisciplina, mas de obediência. Não seria capaz, portanto, de penetrar num presídio para desacatar seu Diretor, dando um funesto exemplo aos meus concidadãos de insubordinação contra as leis justas do meu País. Muito menos, Eminência, iria praticar a inútil loucura de expor a minha vida sem nenhuma finalidade superior, e só pelo prazer de poder dizer, mais tarde, caso conseguisse sobreviver dessa agressão, que era

21 Fala transcrita a partir do documentário.

um homem de coragem. A Casa de Correção tem presentemente reforçado o seu destacamento policial- militar, provido, - é bom que saiba -, das mais modernas armas automáticas, e dispõe, além disto, excepcionalmente, de um vasto corpo de investigadores, escolhidos a dedo entre homens de má catadura que se habituaram a não ter o menor respeito para com a vida do seu semelhante; achando-se finalmente, sob a direção de um Diretor, que sendo homem de rara estatura e fortaleza física, é cultor, assíduo, de vários esportes. Como admitir, em tais condições, que eu, em presença de toda essa vasta força material, fosse me aventurar a apelar para a violência física, como instrumento de decisão, quando, pelas razões supra-expostas, ela só serviria para me esmagar? (PINTO, 1979, p. 207).

Sobral descreve que Canepa era homem forte e jamais se atreveria a agredi-lo fisicamente, mas além de querer defender-se no sentido de limpar sua imagem, Sobral escreve, no dia 17 de junho de 1938, para Francisco Campos, então Ministro da Justiça, e mesmo indiretamente parece indicar uma providência em relação ao Canepa. Nesse momento, o que se supõe é que talvez o advogado quisesse sugerir até mesmo a exoneração do diretor:

Sendo você, nesta hora atribulada Ministro da Justiça do Brasil, venho previni-lo do que se está passando, a fim de que você tome as providências que se impõem, não na defesa da minha pessoa, que não está em jogo, mas em defesa da profissão nobre e altiva, que sinto encarnar neste momento, no que ele representa de essencial para a garantia do cidadão brasileiro. Autorizando-o a fazer desta o uso que julgar oportuno e necessário, abraça-o, com o carinho de sempre, o todo seu, Sobral Pinto (PINTO, 1979, p. 210-211).

No entanto, não há nenhum indício de que Canepa tenha sofrido alguma punição pelo desentendimento com Sobral e, com a saída de Francisco Campos e a nomeação de Francisco Negrão de Lima para Ministro da Justiça, a questão fica ainda mais complicada para o advogado. Ele então envia, indignado, carta para

### Negrão no dia 5 de agosto de 1938:

Fiquei estarecido ao ler o ofício que você enviou ao Canepa a propósito dos meus entendimentos com Luiz Carlos Prestes, Harry Berger e Azor Galvão de Souza, meus clientes, atualmente recolhidos à Casa de Correção. Confesso-lhe, com a minha habitual franqueza, que não o supunha capaz de querer diminuir-me, como o fez, neste ofício de rara infelicidade na sua redação. O tal Estado Novo que vocês inventaram só produz destes resultados: a inversão de todos os valores. É preciso ter perdido a noção da nossa realidade moral para se admitir a hipótese que um advogado da minha estirpe possa ser posto 'sob a fiscalização' de um selvagem como é o atual diretor da Correção, homem sem nenhuma das qualidades intelectuais e morais necessárias para o exercício de funções tão delicadas. Causa pasmo que, após a desautorização pública deste amansador de cavalos quer pelo Ministério Público quer pela Magistratura desta Capital, representados pelo Promotor e pelo Juiz da 1ª Vara Criminal da Justiça do distrito Federal, você se permita humilhar-me, atribuindo a esse Canepa e para ele excelsa e honrosíssima incumbência de fiscalizar a maneira pelo qual eu exerço os meus deveres profissionais. Não, não e não. Urge que você saiba que não estou a mendigar favores (PINTO, 1979, p. 212).

Canepa seria um selvagem como afirma Sobral? Impossível é negar, diante de tantos relatos, que Canepa tratava os presos políticos<sup>22</sup> de forma muito distinta dos presos co-

22 A maior polêmica envolvendo Canepa diz respeito à presa política Jean Sarkis. A jovem era vinculada ao Partido Comunista e vista como verdadeira heroína. A moça, segundo a imprensa, era torturada pelo carrasco Canepa e sobrevivia às piores condições. No entanto, recentemente foi descoberta a ficha de Sarkis no Arquivo Público do Estado Do Rio de Janeiro, na qual o chefe do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), Cecil Borer, confirma que ela era agente secreta a serviço da polícia. Nos documentos, há declaração do próprio chefe do DOPS na época confirmando o esquema de espionagem. Jean Sarkis foi infiltrada no Partido Comunista em 1946 e, para dar autenticidade à operação, ela ficou presa por dois anos, foi fichada como comunista no Departamento Federal de Segurança Pública (DFSP) e condenada. Diante do exposto, resolvi não dar destaque a este caso no presente trabalho, tendo em vista o fato de não saber se Canepa tinha ciência de que Jean era espiã do governo.

muns. Se um dia foi “amigo e generoso” com os privados de liberdade sob sua custódia, certamente apenas após a queda do Estado Novo.

Não é possível afirmar que sim ou não, no entanto, foi possível perceber as diversas polêmicas que envolveram o nome do diretor e trazer à tona uma representação acerca desse sujeito muito distinta da apresentada nas páginas de sua revista. Desconfiar de Caneppe e interpretar as suas facetas fazem-me melhor perceber os usos que ele, enquanto responsável e editor de *A Estrêla*, fazia de seu impresso e como sua história profissional traz à tona o cenário prisional entre as décadas de 1930 e 1950.

## Considerações finais

A análise das fontes aqui trabalhadas mostra que, apesar de todas as contradições e ambiguidades que perpassam a trajetória de Caneppe, este conquistou um espaço como interlocutor privilegiado e formulador de políticas na área. No movimento de propagação, apropriação e prescrição, o gestor utiliza sua revista como meio de divulgação de práticas que revelam as especificidades do discurso humanizador da pena durante o período aqui estudado.

Nesse sentido, interpretar as ideias e discursos veiculados em *A Estrêla* revela parte de um momento histórico pouco estudado em âmbito acadêmico e que ajuda a refletir acerca da recorrente busca pela humanização da pena, das dificuldades e poucos avanços conquistados no âmbito da reforma que o regime prisional brasileiro exige.

Suponho que um dos grandes objetivos do diretor da Penitenciária Central do Distrito Federal era tornar *A Estrêla* um espaço de divulgação de seus feitos, espaço de memória e legitimação enquanto especialista diante de seus pares. Penso então que o seu objetivo era

atrair os olhares de sujeitos ligados ao judiciário, legislativo, universidades, outras instituições penais e em demais espaços por onde especialistas e interessados pela temática do sistema penitenciário se encontrassem.

Apesar de todas as contradições e ambiguidades que perpassam a sua revista e a sua trajetória profissional, reconheço que assumiu um papel importante no âmbito da gestão e formulação de políticas públicas para o sistema prisional brasileiro.

## Referências

- ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC/FGV, v. 11, n. 21, p. 9-33, 1998. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em: 15 dez. 2021.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- CAIMARI, Lila. **Apenas un delincuente**: crimen, castigo y cultura em la Argentina (1880-1955). Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2004.
- CARDOSO, Silmara de Fátima; MORAES, Dislane Zerbini. **Viajar é inventar o futuro**: narrativas de formação e o ideário educacional brasileiro nos diários e relatório de Anísio Teixeira em viagem à Europa e aos Estados Unidos (1925-1927). Jundiá: Paco Editorial, 2014.
- CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs). **Educação em Revista**: a imprensa periódica e a história da Educação. São Paulo: Escrituras, 2002.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras: 2007.
- GOMES, Angela de Castro Gomes. Introdução. *In*:

GOMES, Angela de Castro. **Olhando para dentro: 1930-1964 – História do Brasil nação – V. 4.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p. 23-40.

HEYMANN, Luciana Quillet. **As obrigações do poder: relações pessoais e vida pública na correspondência de Filinto Muller, 1997.** 182 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Artesãos da palavra: cartas a um prisioneiro político tecem redes de idéias e afetos. *In*: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Orgs.). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar.** Passo Fundo: Ed. UFP, 2002. p. 115-136.

MORAES, Dênis de; VIANA, Francisco. **Prestes: lutas e autocríticas.** Petrópolis: Vozes, 1982.

NEVES, Luis Felipe Baêta. **As máscaras da totalidade totalitária: memória e produção sociais.** Rio de Janeiro: Forense- Universitária: 1998.

PINTO, Sobral. **Por que defendo os comunistas.** Belo Horizonte: Comunicações, 1979.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere.** Volume 3. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

ROCHA, Inês de Almeida. **Canções de amigo: redes de sociabilidade na correspondência de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade.** Rio de Janeiro: Quartet, 2012.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Os porões da república: a barbárie nas prisões da Ilha Grande: 1894-1945.** Rio de Janeiro: Garamound, 2009.

SERRA, Carlos Henrique Aguiar. Cultura punitiva e sociedade escópica: algumas considerações. XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH. **Anais...** São Paulo, 2011.

ALVAREZ, Marcos César, SALLA, Fernando, ALVES, Kelly Ludkiewicz. Medicina legal, criminologia e punição: aspectos da trajetória intelectual e profissional de Flamíneo Fávero (1895-1982). Revista **Saúde, Ética e Justiça.** Volume 17 , p. 57-65, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sej/article/view/57252>. Acesso em 18 de dez 2021

Recebido em: 15/03/2022

Revisado em: 13/04/2022

Aprovado em: 15/04/2022

Publicado em: 30/04/2022

**Daiane de Oliveira Tavares** é pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) na Linha de Pesquisa Instituições, Práticas Educativas e História. Possui graduação em Pedagogia, mestrado e doutorado em educação pela UERJ e realizou doutorado sanduíche na Universidade de Alcalá, Espanha. Dedicar-se à pesquisa na área de História das prisões e Educação de Jovens e Adultos em espaços de privação de liberdade. *Email:* [doliveiratavares@yahoo.com.br](mailto:doliveiratavares@yahoo.com.br)